

Os Encapsuladores Em Foco No Relato Esportivo

ENCAPSULATING ANAPHORS IN FOCUS ON SPORTS REPORTING

Margareth Andrade **MORAIS**¹

Resumo: Neste artigo, traçamos um panorama teórico dos estudos de referência, considerado como um processo sociocognitivo de construção de sentidos, seguindo os estudos atuais de Linguística de Texto, conforme já apontaram Mondada e Dubois (2003), Koch (2014), Cavalcante (2011), Cavalcante e Santos (2012), dentre outros autores. O presente trabalho – parte de uma pesquisa maior – objetiva discutir o estatuto do encapsulador dentro da teoria, discutindo também seu papel argumentativo dentro da construção dos textos. A proposta de análise inclui como *corpus* um relato esportivo extraído do Jornal *Lance!*, durante a Copa do Mundo de 2014 e observa a forma como as anáforas encapsuladoras se inserem no relato e quais são seus papéis textuais-discursivos, além da sua função argumentativa. Pretendemos demonstrar, com essa abordagem, como a delimitação dos processos de referência em categorias é bastante sutil e que não são processos isolados, mas sim imbricados.

Palavras-chave: Referência. Anáfora encapsuladora.

Abstract: In this paper, we draw a theoretical overview of referencing studies, regarded as a social cognitive process of construction of meanings, following the current studies of Text Linguistics, as Mondada and Dubois (2003), Koch (2014), Cavalcante (2011), Cavalcante and Santos (2012), among other authors. The present work - part of a larger research - aims to discuss the encapsulating status within the theory, also demonstrating its argumentative role in the construction of the texts. The analysis includes as corpus texts, taken from the newspaper bid on the 2014 World Cup and looks at how the encapsulated anaphora fit into the report and what are textual-discursive roles in addition to the argumentative function. We intend to demonstrate with this approach, as the delimitation of the process into categories is quite subtle, showing that they are not isolated cases, but rather intertwined.

keywords: Referencing. Anaphoric encapsulation

Introdução

Pretende-se, neste artigo, verificar o papel argumentativo das anáforas encapsuladoras nos relatos esportivos, além de discutir como esse subtipo de anáfora se coloca entre as anáforas ditas diretas e as indiretas.

Com o avanço da Linguística de Texto, os estudos sobre referência, cada vez mais, entendem que os encapsulamentos atuam na construção dos referentes, organizando e resumindo opiniões, como apontam Conte (2003), Cavalcante (2011), Borreguero (2006), entre

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Endereço eletrônico: magamora@hotmial.com.

outros. Além disso, esses autores também destacam como o elemento encapsulador pode contribuir para a orientação argumentativa dos textos, tendo em vista uma argumentatividade inerente a todos os textos.

Desse modo, o presente trabalho pretende discutir essa característica dos elementos encapsuladores em textos que não tenham, a princípio, um viés argumentativo, isto é, textos que não pertençam à tipologia argumentativa, como os relatos esportivos.

O *corpus* deste artigo é constituído por um relato esportivo extraído do Jornal Lance, durante a Copa do Mundo de 2014. O tratamento qualitativo dos dados observará a forma como as anáforas encapsuladoras se inserem no relato e quais são seus papéis textuais-discursivos, além da sua função argumentativa.

Como pressupostos teóricos deste artigo, adotam-se autores como Cavalcante (2011), Cavalcante e Santos (2014), que, dentro da Linguística de Texto, entendem a referenciação como um processo colaborativo de construção de significados, relacionando-os à própria construção de sentidos no texto. Além desses autores, abordaremos também o estudo de Borreguero (2006), em seu estudo sobre as anáforas encapsuladoras e seu papel textual-discursivo.

Também são conceitos básicos desta pesquisa os estudos de Koch, para quem todo texto contém marcas deflagradoras de pistas que orientam o leitor no seu percurso de construção de sentido. Portanto, a noção de texto aqui empreendida levará em conta que a construção de sentidos no texto não ocorre apenas pela sua materialidade linguística, como simples resultado de escolhas lexicais ou sintáticas mas também pelas marcas enunciativas, pelas ações dos sujeitos na sua relação com e sobre o mundo. Deste modo, o texto não é um produto acabado, mas contém pistas que permitirão ao leitor percorrer caminhos na construção dos sentidos. Com base nesses pressupostos, então, analisaremos como as anáforas encapsuladoras atuam nessa construção de sentidos.

Um pouco de teoria

Como a proposta deste trabalho integra aspectos cognitivos, sociais e linguísticos na construção de sentidos do texto, analisaremos a materialidade linguística, tendo em vista que todo texto possui marcas enunciativas, que revelam as ações dos sujeitos na sua relação com e sobre o mundo. Deste modo, o texto pode ser visto, conforme Koch (2006, p.65), como um “mapa da mina”, o que permitirá ao leitor percorrer caminhos que o aproximem da ideia do produtor ou o desviem dela.

Com essa abordagem atual dos estudos linguísticos, é possível deslocar o interesse atribuído, prioritariamente, à forma linguística para o funcionamento da língua em distintos contextos e, conseqüentemente, para a análise linguística de textos e/ou discursos, isto é, da língua em uso, no seu funcionamento entre os sujeitos. Para Marcuschi (2008, p.67), “a função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sócio-históricos e permitir que se entendam”, assim, entendemos que a língua é, de fato, um produto social: por meio dela, o conhecimento cultural e as relações interpessoais se estabelecem e nos inserimos no mundo. Desse modo, todos esses fatores atuam na produção linguística.

Referenciação e anáforas encapsuladoras

De modo semelhante ao que acontece com os estudos sobre texto e discurso, a referenciação passa a ser tratada como um fenômeno que envolve um processo sociocognitivo e interacional. Portanto, todo processo anafórico é analisado tendo em foco os processos de construção conjunta de sentidos, considerando as escolhas de sentido efetuadas pelos falantes, conforme corrobora a posição de Mondada & Dubois (2003):

[...] passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. (p.20)

A partir dessa perspectiva mais atual de referenciação, pode-se, resumidamente, tratar da classificação dos processos de referenciação. Como o objetivo deste artigo é analisar as anáforas encapsuladoras, far-se-á somente uma breve exposição das diferenças entre anáforas diretas e indiretas.

Na literatura atual, conforme aponta Calvalcante (2011) e Koch (2006), a diferença entre as anáforas diretas e indiretas consiste na correferencialidade. As anáforas diretas possuem um antecedente formalmente expresso no texto, ao contrário das anáforas indiretas que são acionadas por uma âncora no texto, mas não possuem o seu antecedente formalmente designado. Por entender que a anáfora encapsuladora não tem um antecedente pontual expresso no texto, elas são classificadas como um subtipo das anáforas indiretas.

Como afirma Cavalcante (2011), as anáforas encapsuladoras podem ser entendidas como indiretas por fazerem menção a um referente novo no discurso, apresentado como se ele já fosse conhecido. Tais anáforas resumem conteúdos textuais (explícitos ou implícitos) em partes

cotextuais anteriores ou posteriores e não estão atreladas a nenhum objeto de discurso citado formalmente no texto, mas a definições, conteúdos presentes no contexto.

Esse tipo de anáfora, além de apresentar um importante papel coesivo e organizar os tópicos dentro do discurso, pode, a partir de informações já mencionadas no texto, implementar um objeto quase novo, remetendo a informações não explicitadas no cotexto, como pressupostos, subentendidos e outros conteúdos presentes na memória discursiva dos participantes da interação. Segundo Cavalcante (2011):

A diferença crucial entre estes encapsuladores e os anafóricos indiretos propriamente ditos, [...] é que resumem, “encapsulam”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Além disso, os encapsuladores não remeteriam a âncoras bem pontuais, bem específicas, do cotexto, mas a informações ali dispersas. (p.73)

Vejamos um exemplo:

“Rafa Marquez também mostrou seu talento. O camisa 4 deu a assistência para Hernandez, que explorou a velocidade e marcou o primeiro gol. A jogada, sem dúvida, foi irregular, mas o árbitro não marcou. No entanto, foi uma compensação ao domínio imposto” (ASSAF, Roberto. Olé. *Jornal Lance!* Rio de Janeiro, 11 de jul. 2010, p.28).

No exemplo acima, o sintagma nominal “a jogada” resume as duas primeiras frases do texto, nas quais são descritas as ações que culminaram no gol da seleção mexicana, sintetizando uma parte do cotexto precedente, ou seja, informações já mencionadas. Ao mesmo tempo, esse sintagma traz um novo objeto para o discurso, tomando como base as informações que já foram expostas, estabelecendo, portanto, a progressão temática.

Para Conte (2003, p.186) a anáfora encapsuladora “funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor”, pois o fato de o produtor do texto rotular um conteúdo contribui para a força argumentativa de um texto. O grau de argumentatividade vai variar de um rótulo para outro, contudo, mesmo aqueles com aparente neutralidade, não são esvaziados de carga argumentativa, já que sua escolha constitui sempre uma opção do produtor do texto.

Koch (2006) comenta que as anáforas encapsuladoras ajudam na organização macrotextual, visto que, além de apontarem o fechamento de uma porção do texto, podem funcionar como “sinalizadores argumentativos”, levando o coenunciador para o próximo tópico do texto. Esse tipo de elaboração referencial pode atribuir uma hierarquia nos argumentos listados em um texto e até mesmo funcionar como um elemento de avaliação por parte do autor, pois, ao sumarizar uma porção do texto, ele pode destacar ou enfatizar alguma um dado conteúdo.

Cabe agora inserir a visão de Borreguero (2006), para quem as anáforas encapsuladoras apresentam um correferente no texto, não apresentando um novo referente no discurso:

El sintagma nominal no introduce, estrictamente hablando, ningún referente nuevo en el texto y, por tanto, debe considerarse un elemento informativamente dado; sin embargo, como veremos a continuación, no es por lo general un elemento informativamente neutro: en general, bien el núcleo del sintagma, bien los modificadores que lo acompañan responden a una precisa intención comunicativa. (BORREGUERO, 2006, p.77)

Portanto, para a autora, as anáforas encapsuladoras são anáforas diretas, pois, ainda que não se possa indicar um único item como antecedente, é possível recuperá-lo dentro do texto. Segundo Borreguero (2006), os encapsuladores não fazem referência a um único elemento linguístico, mas a uma parte do texto que pode conter uma oração ou até mesmo um parágrafo.

Essas diferentes perspectivas, embora contraditórias, permitem-nos observar como a classificação dos processos de referenciação é sutil e, muitas vezes, de difícil delimitação. Tendo em vista essa complexidade, serão analisadas agora as anáforas encapsuladoras, de modo a fomentar a discussão sobre esse processo.

A anáfora encapsuladora em foco: análise dos dados

As anáforas encapsuladoras também se apresentam como uma escolha estratégica, com a capacidade de sumarizar informações presentes no cotexto e, ao mesmo tempo, transformá-las em novo objeto de discurso.

Foram verificados alguns casos de anáforas encapsuladoras no *corpus* que mostram a dupla funcionalidade desse processo, incorporando, inclusive, certo teor avaliativo à narrativa, como pode ser observado no exemplo abaixo, um texto sobre a Copa do Mundo em referência à partida entre a Argentina e a Holanda.

Texto 1

<p>Corrida para o tri</p> <p>Brasil decime que se siente. Daqui 20, 40, 50 anos, os argentinos vão lembrar que vieram ao Brasil e fizeram do país vizinho sua casa, sua morada. E que, na Copa do Brasil, quem foi ao Brasil foram eles.</p> <p>A Argentina vai fazer a final do mundial em nossa casa com a responsável pela maior humilhação de nossa história: a Alemanha. O jogo de domingo no Maracanã será <u>o tira-teima</u> de</p>

finais de Copas: em 1986, os argentinos levaram a melhor sobre os alemães. Quatro anos depois, veio o troco.

A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só isso. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão.

O time de Alejandro Sabella em nenhum momento abandonou sua proposta e só assim foi capaz de fazer frente à consistente Holanda do ótimo Louis Van Gaal. A partida de xadrez que durou 120 minutos mostrou o que é uma semifinal de copa do mundo. Como tudo deve ser.

Nenhum dos dois times foi melhor na Arena Corinthians e qualquer bola poderia decidir o futuro dessas duas gigantes. Robben, lembrando a final de 2010 diante da Espanha, teve essa bola aos 45 minutos do segundo tempo. Foi travado por Mascherano, um monstro.

O astro holandês jogou pro alto a chance de fazer história. E permitiu aos argentinos escrevê-la.

A Argentina de Messi, mas que ontem foi de todos. O craque estava apático, talvez como se quisesse provar que sua seleção poderia chegar a uma final sem ele. Chegou.

A Holanda, de novo, bate na trave e deve encerrar a geração de Robben, Sneijder e Van Persie.

Certo é que, assim como o 8 de julho para os brasileiros, esse 9 de julho nunca será esquecido pelos argentinos. No dia da independência do país, eles ficaram a um jogo de conquistar o Brasil, a eternidade. Brasil decime que se siente...

(PORTO, Marcio. *Corrida para o tri*. Jornal *Lance!* Rio de Janeiro, 10 de julho, p.10).

Logo no início do texto, aparece o encapsulamento “o tira-teima”, que aponta para o fato de a final da Copa do Mundo se configurar como uma decisão particular entre Alemanha e Argentina, uma vez que as duas seleções já se encontraram outras duas vezes em finais de Copa, tendo, cada uma, vencido uma final.

No parágrafo seguinte, há o emprego do pronome demonstrativo “isso”, geralmente considerado como um resumitivo com valor neutro, um encapsulamento que não carrega teor argumentativo. Entretanto, tendo em vista a progressão do texto, o pronome em questão parece valorizar as ações da seleção argentina, pois a forma “isso” retoma a porção de texto anterior que apresenta um resumo das principais ações acontecidas no jogo e ainda faz uma comparação com a seleção brasileira, que tinha perdido, de maneira vexatória, para a Alemanha pela outra semifinal da Copa:

“A Argentina venceu a Holanda porque foi muito mais competente nos pênaltis, após 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, mas não foi só isso. Os Hermanos fizeram muito do que o time de Luiz Felipe Scolari, que deveria jogar no Maracanã domingo, não o fez na terça no Mineirão”.

Como podemos ver no trecho acima, o pronome “isso” não só retoma a porção de texto precedente, mas apresenta um certo teor argumentativo ao valorizar a postura da seleção argentina, o que pode ser reforçado também pelo uso do adverbio “só”.

Embora o pronome *isso* não seja um termo com valor axiológico, ao mesmo tempo em que ele retoma uma porção anterior, esse pronome aponta para novas informações, direcionando o leitor em função de uma determinada orientação argumentativa, no caso, enfatizar a proposta da seleção argentina para o jogo contra a Holanda.

É interessante notar que, na literatura sobre o assunto, o viés argumentativo é, na maioria das vezes, atribuído a nomes que contenham uma certa carga argumentativa, conforme apontam Conte (2003), Cavalcante (2011) e Borreguero (2006). Esta última autora, inclusive, vai classificar o “*isso*” como uma anáfora textual, cuja função seria apenas realizar a articulação entre as partes do texto, não apresentando qualquer conteúdo léxico, como podemos ver no excerto abaixo:

En esto se asemejan los encapsuladores a las llamadas *anáforas textuales*, generalmente pronombres demostrativos que hacen referencia al contenido de un segmento textual precedente (oración, conjunto de oraciones, párrafo o unidades textuales mayores). Su función es también sintetizadora y referencial, pero el elemento anafórico está vacío de contenido léxico. (BORREGUERO, 2006, p.81)

Com uma preocupação de cunho mais formal, a autora separa os encapsuladores como os elementos que apresentam um conteúdo semântico. Para ela, somente nomes que carregam conteúdo avaliativo podem receber tal classificação, o pronome demonstrativo em questão é visto como uma anáfora textual, uma vez que sua função seria somente a articulação textual. Entretanto, como foi possível ver no exemplo acima, a forma ou a classe gramatical do item que é empregado não é fator exclusivo para sua função avaliativa. Além disso, cabe ressaltar que o mais interessante seria avaliar esses mecanismos tendo em vista os sentidos que constroem no texto, juntamente com a função coesiva que desempenham. Nessa perspectiva, separar, por critérios formais e semânticos, encapsuladores e anáforas textuais pode não ser produtivo para uma análise que se proponha a investigar os sentidos do texto.

Um exemplo que pode ser questionado é o uso da expressão “essa bola” que retoma o conteúdo descrito anteriormente – “bola que poderia decidir o jogo dessas duas gigantes”. Esse

sintagma nominal parece estar mais próximo de uma anáfora direta; entretanto, também poderia ser pensado como um termo encapsulador, já que não retoma um único elemento citado anteriormente, mas uma porção de texto. Além disso, o uso do pronome demonstrativo parece focalizar o olhar do enunciador para aquele momento do texto, ainda que não apresente um caráter dêitico. Embora fuja um pouco do escopo da discussão travada aqui, há autores que reconhecem essa dificuldade de separação entre anáfora e dêixis, Cornish (2011), por exemplo, propõe um termo intermediário, chamado por ele de anadêixis.

Essa anáfora reforça como a jogada em questão foi importante e o fato de que poderia definir quem seria o semifinalista, já que o jogo se encontrava no final. Esse caráter decisivo será corroborado pelo próximo encapsulamento:

“O astro holandês jogou pro alto a chance de fazer história. E permitiu aos argentinos escrevê-la”.

O encapsulamento acima ajuda a construir uma expectativa no leitor sobre as jogadas e contribui para conferir emoção ao texto esportivo, como é característica desse gênero, pois, além de descrever os lances e detalhes mais importantes das partidas, tal gênero procura seduzir o leitor, reforçando a emoção vivenciada pelo esporte, como pode ser visto na linguagem e também pelas formas de referenciação empregadas, que, na maioria das vezes, baseiam-se em apelidos dos jogadores, dos times, gírias ou expressões conhecidas da torcida, por exemplo.

Nessa perspectiva, a expressão – “a chance de fazer história” – é interessante, pois, além de remeter ao conteúdo anterior, retomando que o gol no final do jogo garantiria a vaga na semifinal, faz referência também a conhecimentos cognitivos sobre a seleção holandesa que, embora seja considerada uma grande seleção, nunca ganhou uma Copa do Mundo. Desse modo, a expressão acima não só se refere à importância do lance dentro daquele jogo, mas se refere também à possibilidade de triunfo da seleção holandesa em uma final de Copa do Mundo.

Conforme aponta Koch (2002), os encapsulamentos podem articular informações enunciadas no cotexto – precedente ou subsequente – ou até mesmo apontar para conhecimentos compartilhados, como no exemplo acima. Ademais, percebeu-se claramente como o elemento encapsulador se constitui em um rótulo que corrobora para a expressão dos propósitos enunciativos do texto. Tais mecanismos desempenham papel importante para a coesão textual, organizando informações já mencionadas no texto e, ao mesmo tempo, apontando para novas informações, mantendo, em estado de ativação, determinado objeto de discurso, funcionando como um elemento que organiza os tópicos discursivos dentro do texto.

É interessante notar que esses mecanismos refletem a intencionalidade, o gênero textual e também o suporte através do qual o texto circula, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem e dos textos. Cavalcante e Santos (2012) compararam um relato de um jornal esportivo com outro de um jornal generalista e, ainda que inicialmente, encontraram diferenças nas escolhas dos processos de referenciação utilizados, o que comprova como a intencionalidade e o suporte atuam na seleção dessas marcas.

As anáforas destacadas, assim como outras, contribuem para a progressão textual e para a orientação argumentativa do texto que foi enfatizando os lances da seleção argentina de modo a valorizar a classificação da seleção sul-americana diante da seleção holandesa. Todo o texto é articulado para a construção desse sentido, já apontado no título – “corrida para o tri” – que é uma referência à possibilidade de a seleção argentina conquistar o tricampeonato mundial, e também corroborado por alusões às características da seleção argentina, bem como da sua torcida e ainda por comparações com a seleção brasileira.

Cabe ainda destacar, em relação às anáforas encapsuladoras, que elas misturam características das anáforas diretas e indiretas, conforme já apontavam Conte (2003), Cavalcante (2011) e Cavalcante e Santos (2014). Tais anáforas parecem comportar-se como um item intermediário entre as anáforas diretas e indiretas, uma vez que, ainda que se apoiem em informações dadas, introduzem um novo referente. No entanto, é possível notar um determinado grau de correferencialidade entre a parte de texto sintetizada e o encapsulador.

Nos exemplos analisados aqui, por exemplo, foi possível notar que alguns encapsuladores apresentaram essa correferencialidade de maneira mais clara, ao passo que outros já apresentaram um comportamento mais prototípico de uma anáfora indireta. O último encapsulamento analisado – “a chance de fazer história” – se comparado o uso do pronome “isso”, se comporta muito mais como uma anáfora indireta por ser bastante inferencial, mesmo que baseada em uma informação dada. Em contrapartida, o pronome “isso” apresenta um comportamento semelhante ao de uma anáfora direta, por mais que não se possa separar um único item ao qual esse pronome se refira, pode-se, facilmente, recuperar no cotexto as informações sintetizadas por esse termo. Ademais, esse pronome necessita de menos inferências para sua interpretação do que o exemplo anterior.

Nesse sentido, Borreguero (2006) define o encapsulador como uma anáfora direta. Para tal autora, prevalece a questão da correferencialidade:

El sintagma remite siempre a una serie de elementos textuales ya introducidos en el texto, por tanto, es una anáfora, en el sentido de que su significado está

determinado por elementos que le preceden en el texto. (BORREGUERO, 2006, p.76)

Outros autores, Cavalcante e Santos (2014), entre outros, já evidenciam esse caráter tênue e escorregadio inerente à classificação dos processos de referência. Neste artigo, reforça-se essa peculiaridade e chama-se a atenção para uma análise mais voltada para os efeitos textuais\discursivos dos processos de referência, sempre atrelando essa análise ao gênero textual analisado, além de um olhar mais flexível sobre a classificação desses mecanismos.

Considerações finais

Este artigo pretendeu traçar uma breve discussão sobre as anáforas encapsuladoras no gênero relato esportivo, ressaltando seu caráter coesivo e sua função textual/discursiva.

Considerou-se, como pressuposto deste trabalho, o texto como um processo e como os processos de referência são importantes na construção dos sentidos. Por esse motivo, analisamos os exemplos de modo a observar esse complexo processo de interação, tentando descrever como os referentes vão sendo construídos dentro do texto.

Através de pistas contextuais e cotextuais, os participantes da enunciação vão ativando os sentidos e interpretando os referentes como velhos ou novos. Soma-se a isso a intencionalidade e os propósitos comunicativos do gênero textual em questão, pois, como foi possível perceber, o relato esportivo procura destacar ou enfatizar lances, detalhes mais importantes do jogo, valorizar uma determinada seleção, por exemplo, de modo a garantir uma adesão emocional do seu interlocutor. Nesse sentido, os processos de referência são ferramentas que também contribuem para que esse propósito seja alcançado.

Além disso, os encapsuladores funcionam como demarcadores da orientação argumentativa dos textos, pois, ainda que os relatos sejam textos predominantemente narrativos, o jornalista escolhe um ponto de vista para descrever as ações; geralmente, privilegia as seleções com maior prestígio ou aquela que venceram os jogos. Desse modo, esses elementos constituem-se como mais um indício para a percepção da argumentatividade desse gênero. Sobre esse aspecto, é interessante ressaltar também que não só os nomes axiológicos apresentam conteúdo avaliativo, esses nomes trazem, evidentemente, uma carga avaliativa maior; contudo, de acordo com a articulação do texto e em outras pistas contextuais, outros nomes, com menos conteúdo lexical, também se prestam a carregar um determinado sentido avaliativo.

Por fim, é importante registrar a necessidade, confirmando o que já apresentam Cavalcante e Santos (2014), de repensar os mecanismos de referência não como categorias discretas, mas como processos que apresentam características, muitas vezes, híbridas, não

permitindo uma divisão estanque entre eles. Nesse sentido, pode ser mais produtivo pensar em um *continuum* entre os processos de referência, assumindo, assim, que não estamos diante de fenômenos isolados, mas de fenômenos que se cruzam e se misturam, tendo em vista uma perspectiva sociocognitiva e interacional.

Referências

- BORREGUERO, Margarita Zuloaga. *Naturaleza y función de los encapsuladores en los textos informativamente densos (la noticia periodística)*. In: *Cadernos de Filologia Italiana*, v.13, p.73-95, 2006.
- CONTE, Maria-Elizabeth. Encapsulamento Anafórico. In.: CAVALCANTE, Mônica. *et. al.* (Org.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.
- CORNISH, Francis. Indexical reference within a discourse context: Anaphora, deixis, “anadeixis” and ellipsis. *Journée d’Etude « Ellipse et anaphore* . Paris: Institut Charles V/Université Paris 7, p.1-31, 2011
- CAVALCANTE, Mônica. *Referênciação: sobre coisas ditas e não-ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- _____. Mônica e SANTOS, Leonor. *Referênciação e marcas de conhecimento compartilhado*. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 657-681, set./dez. 2012.
- _____. e SANTOS, Leonor. *Referênciação: continuum anáfora – dêixis*. In: *Intersecções*, Jundiaí, SP, ano 7, n.1, p.224- 246 , maio/2014.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Argumentação e linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MELO, José Marques. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina. *Referênciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.11-26.

Chegou em: 30-08-2015

Aceito em: 16-11-2015